Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 410

11 DE MAIO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Caetano Alberto da Silva.

AFRICA

ANTONIO MARIA CARDOSO — JOAQUIM CARLOS PAIVA DE ANDRADA

(Segundo photographias)

CHRONICA OCCIDENTAL

Hesitei muito antes de escrever esta chronica porque ella obriga-me a uma coisa a que eu desejo sempre muito furtar-me — a fallar de mim.

Não conheço nada mais impertinente e de mais mau gosto do que estar a fallar de trabalhos proprios, embora se amenisem com toda a *mise ên-scene* da modestia os arrobos de vaidade pessoal, mas apezar d'isso, n'estes dez dias decorridos os acontecimentos arranjaram-se de tal maneira, que seria um erro de officio, um crime de lesa-chronica, levar os meus escrupulos pessoaes a deixar de registar um acontecimento, que em si nada vale, mas que, como precedente, como exemplo aberto, tem um grande valor e uma alta importancia no mundo theatral, e deve fatalmente ter uma grande influencia benefica no nosso futuro movimento dramatico.

Trata-se da recita que o emprezario do theatro do Gymnasio offereceu ao auctor da comedia original que, obtendo da parte do publico um acolhimento excepcionalmente lisongeiro, fez com que o theatro fechasse a sua epocha com um grande successo de dinheiro.

Ora dá-se o caso de ser eu o auctor d'esse original, e estive muito tempo discutindo comigo proprio se esta circumstancia me devia ou não inhibir de fallar n'essa recita de homenagem, que, dada n'um theatro de exploração particular, tem um caracter perfeitamente novo e representa uma grande e salutar innovação nos nossos costumes theatraes.

Depois de pensar um bocado no assumpto, entendi que o facto de a peça ser minha, não me devia inhibir de registar e commentar esse facto novo e que tem já uma notavel significação na nossa terra e que deve ter uma poderosa influencia no nosso meio theatral, entendi mesmo que não tinha o direito, de, a pretexto de mal cabida modestia, deixar na sombra esse facto importante, de me calar em frente d'um acto expontaneo e voluntario d'uma bizarra empreza particular, que é um incitivo importantissimo ao trabalho nacional e que não pode deixar entre nós de produzir os mais salutares resultados.

Foi isto que eu entendi e se entendi mal os meus leitores que m'o perdoem...

Vamos á historia.

Em dezembro do anno passado, conversando com o Valle, o grande actor comico da actualidade a quem a Musa alegre da comedia deve em Portugal muitas das suas mais brilhantes creações e a quem eu devo o desempenho magistral do protogonista da *Sua Excellencia*, das *Medicas*, do *Seguro de vida*, sem contar o de um grande numero de comedias francezas e hespanholas, que tenho traduzido ou imitado para o Gymnasio, conversando com o Valle uma tarde ao sahir do ensaio, disse-lhe que estava pensando n'uma peça para o Gymnasio, peça original cujo protogonista seria um commissario de policia.

Contei-lhe por alto o que eu tambem então só por alto ainda tinha pensado fazer da peça, e apartamo-nos ficando entendido que Valle faria o papel de commissario.

Mas n'este entendido houve um mal entendido. O Valle entendeu que eu ia fazer a peça para o beneficio d'elle; eu não entendi nada d'isso, e não fiz nem uma linha da comedia.

Imaginem qual o meu espanto quando d'ali a semanas me disseram que o Valle estava muito maguado comigo, por eu ter dito a alguem, que me perguntava quaes os actores do Gymnasio que ainda não tinham peça para o beneficio, que o Valle era um d'esses.

Muito amigo do Valle, tendo por elle pessoalmente tanta estima quanta consideração tenho pelo seu brilhante talento d'actor, fui logo procural-o e pôr a questão em pratos limpos.

Conversámos; desfizemos o equivoco, mas d'essa conferencia sahi então verdadeiramente compromettido a fazer-lhe a peça para o beneficio, peça para entrar em ensaios logo depois do carnaval.

Tinha entre mãos uns trabalhos que não podiam esperar e que estava a concluir, e resolvi só depois d'elles concluidos tratar da peça original. Os trabalhos porém deitaram a muito mais tarde do que eu calculára e exactamente quando eu ia a principiar a trabalhar no *Commissario de Policia*, mette-se a doença e a morte de Francisco Palha, doença e morte que me produziram fundo abalo, mette-se a catastrophe do pobre Julio Cesar Machado, mette-se n'esse mesmo dia a questão ingleza e a excitação por ella produzida em Lisboa, e é claro que não era essa a epocha azada, com o espirito cheio de mil preoccupações varias, de começar tranquillamente a fazer uma peça, e uma peça para rir, que requer acima de tudo o espirito perfeitamente desanuviado, bom humor e muito bom humor.

Esperei que essa trabuzana passasse, e emquanto esperava, o tempo ia passando e uma noite no Gymnasio o Valle disse-me que o beneficio do Eloy era d'ali a oito dias, e que portanto d'ali a oito dias se devia começar a ensaiar a minha peça. E eu não tinha d'ella nem uma linha sequer, e a peça devia ter quatro actos.

Nem ao menos tinha o *canevas* pensado. Tinha apenas os personagens principaes imaginados e uma ou duas situações.

Mettido entre a espada e a parede, disse franca e sinceramente ao Valle o que lhe podia dizer:— que tinha toda a tenção e todo o desejo de lhe fazer a peça, mas que não me podia compromet-ter a dar-lhe d'ali a oito dias nem a peça toda, nem um acto sequer, porque a rapidez n'um trabalho original não dependia da minha vontade, mas apenas da disposição de espirito em que me encontrasse quando me sentasse á meza a trabalhar.

E prevendo a hypothese de dentro do praso marcado, não me sahir nada com geito de trabalho original, perguntei-lhe se no caso de não ter a minha peça, elle já pensára em qualquer outra peça para fazer beneficio.

O Valle tomou esta minha pergunta por uma declaração de que não lhe fazia o original e ficou muito desconsolado com isso.

Quando soube d'esse desconsolo, que era muito lisongeiro para mim, fiquei muito contrariado e prometti a mim proprio não lhe dar motivo a elle e lancei-me ao trabalho.

No fim do praso marcado tinha o Valle o 1.º acto do *Commissario de Policia* para ensaiar, e os actos seguintes fui-os mandando para o theatro ás scenas, á medida que os ia escrevendo, em meias folhas de papel, escriptas só d'um lado, para não demorar a voltar a pagina, como quem escreve para a imprensa.

Não se calcula os terrores que essa peça me metteu, o medo que tinha d'ella, os receios que tinha ácerca do seu exito, tanto mais que escrevendo-a assim, sem a poder reler sequer, não podera ouvir a seu respeito a opinião segura, auctorisada e que eu sei sempre profundamente sincera, d'um ou dois amigos a quem costumo sempre consultar.

Os actores do Gymnasio, todos elles á uma, augmentaram ainda mais os meus terrores com o acolhimento festivo que nos ensaios fizeram a essa peça.

Corre no theatro a tradicção de que peça que agrada muito nos ensaios, cae na noite da recita e vice-versa. E eu tinha no meu passado muitos exemplos a corroborar esta tradicção. Nunca peça arranjada por mim teve na prova e nos ensaios o successo que teve no theatro da Avenida *O velho rico de Cêlorico* e cahiu desastradamente. *A segunda mocidade* de Mario Uchard enthusiasmava todos os actores do Gymnasio nos ensaios, e na primeira noite foi pelo buraco do ponto abaixo.

Em compensação, a *Voz do Sangue* era considerada nos ensaios uma peça para tres noites e teve um exito enorme: a *Sua Excellencia* imaginava-se uma queda ruidosa e deu mais de sessenta representações, e todos estes exemplos me fervilhavam no espirito e me augmentavam os receios do exito do *Commissario de Policia*, de que todos os artistas do Gymnasio gostavam tanto nos ensaios.

Veio a primeira recita e felizmente a tradicção quebrou-se e o publico e a critica, d'uma benevolencia amabilissima para mim, deu plena razão aos actores do Gymnasio, confirmou, muito além do que eu me atrevia a esperar, a opinião que elles tinham da peça.

O *Commissario de Policia*, mercê do excellente desempenho que lhe deram todos os artistas desde os encarregados dos primeiros papeis até áquelles que tinham a seu cargo os papeis mais insignificantes, mercê do cuidado primoroso com que foi ensaiado por Leopoldo de Carvalho, mercê da boa vontade enorme com que todos trabalharam na peça, pondo muitos de parte melindres de cathegoria artistica, como os actores Eloy, Telmo, Cardoso e Ferreira, e as actrizes Judith, Juliana, Adelina, aceitando papeis muito inferiores aos seus meritos artisticos, o *Commissario de Policia*, mercê d'essa dedicação com que todos trabalharam, dedicação que deve servir de exemplo, e que me encheu de reconhecimento e de gratidão para com todos aquelles excellentes artistas, que foram para mim uns collaboradores intelligentissimos e devotadissimos, e mercê da benevolencia sympathica do publico *pelos trabalhos originaes* triumphou em toda a linha e fez d'esta peça *original* o maior successo do Gymnasio em toda a epoca, como o *D. Affonso VI original*, e a *D. Leonor Telles, original* tinham sido no theatro de D. Maria os grandes exitos de applauso e de dinheiro da epoca actual.

E este facto é altamente e consoladoramente significativo.

Este *successo* de peças originaes portuguezas no nosso theatro, supplantando o successo das peças mais afamadas de Paris, pois D. Maria deu este anno *A belle maman* de Sardou, um dos grandes successos de Paris, e o Gymnasio, o *Coquin de Printemps*, *Les Femmes collantes*, *Une Perle* e *Doit-on le dire*, os exitos mais collossaes dos theatros parisienses n'estes ultimos annos, demonstra claramente que a nossa litteratura dramatica e o publico dos nossos theatros entraram n'uma phase completamente nova.

Ha muito pouco tempo ainda as emprezas fugiam das peças originaes, porque o publico não concorria a ellas, e lançavam-se exclusivamente no reportorio francez.

Hoje essas emprezas veem com factos incontestaveis com exemplos frisantes, que as peças originaes dão-lhe muito mais successo e muito mais dinheiro que as traducções, que o publico que se conserva indifferente ás peças estrangeiras que lhe apresentam personagens que elle não conhece, que se passam n'um meio que o não interessa, corre a encher os theatros quando elles lhes dão peças portuguezas, com personagens portuguezes, passadas no nosso meio, na nossa terra, entre a nossa gente, peças que por isso mesmo tem um desempenho muito mais completo por parte de todos os artistas, e tem o condão de interessar muito mais os espectadores, e evidentemente as emprezas hão de procurar d'hoje para o futuro os originaes de preferencia ás traducções, e em vez de fecharem as suas portas ás peças portuguezas, as emprezas hão de ser as primeiras a procural-as, a pedil-as, a animal-as, augmentando expontaneamente, voluntariamente a remuneração d'ellas.

Foi isso que fez com o *Commissario de Policia* o intelligente e habil emprezario do Gymnasio, offerecendo o producto da 20.ª recita da peça ao auctor. Abriu nos fastos do nosso theatro um exemplo, um precedente, perfeitamente patriotico, que hade ser seguido e que hade dar um poderoso impulso ao movimento tão definitivamente accentuado da litteratura theatral portugueza.

A empreza do theatro de D. Maria quando concorreu á adjudicação do theatro, offereceu como incentivo á producção dramatica original, dar aos auctores a 15.ª recita das peças, que attingissem esse numero de representações,

Esse incentivo é muito mais rasoavel e justo que o premio em concurso de peças. É claro que uma peça que dá 15 representações teve um successo, attentas as condições dos nossos theatros, onde as peças, mesmo as de exito excepcional, tem um limitadissimo numero de recitas, comparadas com as centenas de representações que dão as peças de agrado nos theatros de Paris, e portanto o auctor que tem esse successo, que dá esse lucro ao theatro, tem além dos direitos de auctor — direitos que em D. Maria são muito rasoaveis apesar de não se poderem comparar com os direitos d'auctor dos theatros de Hespanha e de França — o producto liquido da 15.ª noite a compensal-o do successo que deu ao theatro.

No theatro de D. Maria este uso é lei, mas nos outros theatros nada ha de estabelecido a tal respeito, e o emprezario do Gymnasio vindo expontaneamente adoptar este uso no seu theatro, prestou um relevantissimo serviço á litteratura dramatica portugueza, deu um exemplo brilhante que será seguido e que nós consignamos aqui com todo o elogio que elle merece.

E consignamol-o como chronista e não como auctor do *Commissario de Policia*, pois que como auctor da peça não tinha direito para elogiar ninguem, mas tinha o dever gratissimo de agradecer a Pinto, a todos os excellentes artistas do Gymnasio, ao publico, e a todos os meus amigos, as finezas enormes, as surprezas encantadoras de que me encheram n'essa noite, que elles e só elles transformaram d'uma modestissima recita n'uma brilhantissima festa.

E com certeza esta parte festiva d'essas recitas dos auctores é muito mais ainda que o interesse material que ellas representam, um grande e nobre estimulo, uma grande e consoladora recompensa.

Gervasio Lobato.

GERVASIO LOBATO

E A SUA FESTA NO GYMNASIO

Dois escriptores portuguezes receberam, a breve intervallo, de um grande e escolhido publico, espontaneas manifestações de sympathia e applauso. Não lhes escassearam nenhuma das fórmas da ovação, desde as palmas e os bravos, que são a glorificação do valor, até aos abraços e aos brindes, que consagram a estima affectuosa. Esses dois escriptores foram D. João da Camara e Gervasio Lobato. E se não foi no mesmo theatro que cada um recebeu as ovações do publico foi, por assim dizer, o mesmo publico que no mesmo enthusiasmo os exaltou a ambos.

Porquê?

A resposta é deveras consoladora e prova, n'estes prosaicos tempos que vão correndo, que a fina flôr de um sentimento delicado boia á tona dos mais interesseiros egoismos. Prova que a alliança intima de um caracter bom a um bom talento, hade ter sempre um alto logar na consideração de todos. Em D. João da Camara glorificou-se o poeta que entre a sua obra e o publico conseguiu estabelecer uma corrente de arte, tão sympathica e profunda, que indissoluvelmente ligou a ella o seu nome, e sobre uma poderosa intensidade dramatica alicerçou a sua gloria litteraria. Em Gervasio Lobato o publico do Gymnasio victoriou uma das feições mais brilhantes e mais applaudidas do talento comediographico do nosso tempo. N'uma noite de festa agradeceu-lhe, por todas, as gargalhadas desopilantes, provocadas pelos seus ditos, o bom humor saudavel e alegre que o seu facil talento faz nascer em tres horas de contentamento expansivo.

Mas se foram estas duas feições de talento, tão diversas e tão identicas, diversas porque nada se parecem, e identicas porque ambas conduzem ao mesmo fim — dominarem o publico sob uma poderosa vibração theatral — se foram estas manifestações de duas intelligencias que conseguem *réussir* n'um campo a tantas vedado, foram, e n'isso se resume o que ha de consolador na resposta, dois caracteres de lei que as palmas laurearam, dois excellentes rapazes, dois corações de oiro, que nós todos sentimos alegria e jubilo de apertar contra os nossos.

* * *

Festejar assim, com enthusiasmo e com sinceridade, homens de lettras em Portugal, é caso que ainda ha pouco tempo muitos julgariam de contrabando. Os que taes honras merecessem teriam decerto passado ao fisco das invejas e das maledicencias, ao qual a maior quota é infelizmente paga pelo talento. Nem o trabalho honrado e tenaz furta os homens de valor a essa lei caudina. Glorias, quando o proprio valor as arranca e impõe, azeda-as quasi sempre o vinagre da calumnia e atassalha-as de lama a lingua dos invejosos. Lá fóra, em toda a parte, é possivel que tambem os nullos esbravejem n'um exforço esteril, e os cães da litteratura ladrem á... intelligencia que se imponha e domine. Mas que importa! Ao lado d'esses latidos impotentes e phreneticos, ha lá o côro das acclamações e dos louvores; e emquanto aquelles vão esmorecendo perante a consagração geral, vae o trabalho do sabio, do escriptor ou do artista, colhendo os seus fructos opimos, rodeando-lhe de commodidades e confortos a vida laboriosa, pondo-lhe sorrisos mais alegres nos labios com que beija os filhitos queridos, proporcionando-lhe os meios de tornar viavel a estrada que tem de pisar até ao cabo, e facultando-lhe afinal a alegria suprema de a cada passo ir marcando com uma alfinetada de espirito o cachaço adiposo de quantos inuteis lhe procuram obstruir a passagem.

Mas em Portugal! Se a força de resistencia é tão grande no escriptor que nem os risos alvares do burguez enfartado, nem os desdens de qualquer *parvenu* insolente, nem as chufas soezes dos mediocres pretenciosos consigam desmanchar-lhe a linha de uma superioridade incontestada, ou impedil-o de descarregar o chicote da troça sobre os hombros do Ridiculo, quantos dissabores em troca d'esta altivez, quantas dôres curtidas em silencio, quantas lagrimas nobres partilhadas com a pessoa mais intima em horas de desalento, perante o espectaculo constante e odioso da mediocridade premiada, da calumnia triumphante, da Besta emfim, glorificada por este Caligula mais ignobil que o de Roma — a sociedade moderna!

* * *

É por isso que, os que como Gervasio triumpham em toda a linha, menos parecem nossos do que filhos de um paiz culto onde as qualidades que elle reune encontrem terreno para dar fructo, e palmas que lhes dêem estimulo e premio.

A noite de 2 de maio ficará para sempre na memoria dos que assistiram á festa do Gymnasio. Na outra festa que se seguio, mais intima, mas não menos expansiva, e tão consoladora como a outra, Raphael Bordallo n'um brinde ao Gervasio, chamou-lhe: o triumphador. E a palavra sahiu-lhe da bocca no momento em que os olhos procuravam em torno da mesa, n'essa festa de amigos e de artistas, que do coração felicitavam um artista e um amigo, a esposa e as filhas d'aquelle a quem com tanta justiça cabia o qualificativo.

É que esse outro grande artista sabia bem que o triumpho seria incompleto e deffeciente se a presença d'essas tres pessoas tão queridas não desse á meza, onde a arte saudava a arte, o encanto de uma festa de familia. E os que melhor sabem ver viram que n'esse momento a lagrima das consolações supremas orvalhava docemente os olhos do esposo e do pae.

A felicidade existe — podia dizer então Gervasio Lobato, e teria a certeza de que toda a verdade se continha n'esta phrase.

* * *

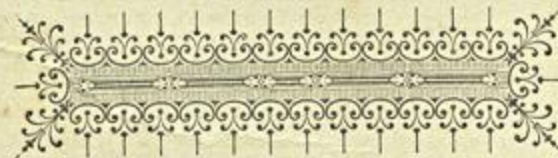
Saudámol-o então, saudemol-o hoje. Longos annos de affeição e camaradagem revigoraram as palmas que lhe démos no theatro e estreitam o abraço que lhe enviamos d'aqui.

Muitos dos que o felicitaram comnosco n'essa noite inolvidada tinham as mesmas razões para o victoriar, mas não teriam tantas para o estimar tanto. Ha muito de gratidão nos bravos que lhe levantavam. Agradeciam-lhe as horas deliciosas despertadas pela attitude comica dos seus personagens, pela criação dos seus typos burguezes, pelo seu engenho dramatico, por esse *savoir faire* que lhe dá um logar áparte entre os nossos poucos escriptores de theatro, por essa facilidade extraordinaria de encontrar e explorar o lado comico das cousas, de sobre um nada architectar uma scena espirituosa e de dentro d'ella desentranhar um mundo de ditos hilariantes, que são um tonico incomparavel para a alma, e um reagente tão poderoso que nos faz rir d'aquillo que por engano ás vezes tomamos a serio... fóra do theatro.

* * *

Para que o auctor d'estas linhas applaudisse com sincero enthusiasmo o auctor do *Commissario de Policia*, n'uma noite em que da ovação a elle feita partilhavam os artistas e o emprezario do theatro, prevaleciam como acima fica dito, razões de velha estima e affectuosa camaradagem.

Applaudia o escriptor e abraçava o amigo. É que sabia melhor do que ninguem de que elementos é formada a sympathia que se espalha em torno da personalidade de Gervasio Lobato. Sabia que a sua grande força é a bondade, que lhe dá a inalteravel serenidade de espirito, ora se manifeste n'uma scena jovial e n'um dito piccaresco, ora se confirme n'uma bella acção pessoal. Trabalhador como poucos, espalhando a toda a hora por jornaes e romances manifestações da sua actividade cerebral, amigo leal até á dedicação, a qualidades superiores de caracter reune as do talento que já lhe conheceis e eram todas ellas que todos applaudimos com effusão n'uma noite deveras consoladora para elle, para nós e para as letras portuguezas.

Jayme Victor

AS NOSSAS GRAVURAS

ANTONIO MARIA CARDOSO

E

JOAQUIM CARLOS PAIVA DE ANDRADA

Parece que na occasião em que Portugal mais precisa em Africa dos serviços dos seus valorosos africanistas, é que elles recolhem á metropole em obediencia ás conveniencias politicas da occasião, que impõem um *stato quo* nas nossas explorações na região africana sobre que incidem as pretenções da Inglaterra,

É assim que chega a Lisboa Antonio Maria Cardoso, Paiva de Andrada, Serpa Pinto e Victor Cordon, que todos lá andavam pela Africa, trabalhando pela patria e para a patria n'esse renascimento colonial, em que ha quinze annos o paiz está empenhado.

Hoje registamos a chegada de Antonio Maria Cardozo e Paiva de Andrada, dois africanistas que tem posto ao serviço do seu paiz todo o talento, toda a inergia e toda a mocidade da sua vida.

Antonio Maria Cardoso, esse sympathico rapaz que conhecemos ainda em aspirante de marinha, franzino, despretencioso, captivando todos com as suas maneiras doceis, e abrigando sob esta apparencia naturalmente modesta, um caracter inergico como é mister tel-o quem se aventura ás arriscadas emprezas de viajar atravez dos sertões d'Africa, nasceu em Lisboa por 1849 e é filho de Joaquim Maria Cardozo, antigo empregado da Junta do Credito Publico, hoje reformado.

Quem nos diria, quando juntos representavamos em theatro de rapazes a comedia *Quem procura sempre acha*, em que Cardoso era inexcedivel de graça no papel de surdo, que estava ali um foturo benemerito da patria pelos serviços que lhe havia de prestar na Africa, n'essa Africa para quem então toda a gente em Portugal olhava com horror como para um paiz inhospito, presidio de degradados.

Como os tempos vão mudando, e quantos annos vão passados depois d'estes folgares de rapaz.

A primeira viagem de exploração que Cardoso fez, foi ás terras de Mussila, na Africa Oriental, de que o OCCIDENTE se occupou em tempos, e que foi coroada dos mais lisongeiros resultados.

Muitas são as commissões de serviço que Cardoso tem desempenhado nas colonias, mas a ultima, aquella de que elle agora volta, é a da expedição ao Nyassa.

Partiu de Lisboa para essa expedição em 9 de julho de 1888, tendo por companheiros de viagem Paiva de Andrada, Augusto Cardoso e Cordon.

Chegou a Moçambique em 15 de agosto e logo procurou organisar a expedição, mas não o podendo realisar em Moçambique, seguiu para Chiloane a ver se ali arranjava interpetres, conseguindo depois de grandes difficuldades, organisar parte da expedição e seguir para Inhamissengo e d'ali continuar até ao Zambeze e d'este ao Chire, em companhia de Paiva de Andrada, d'onde partiu para o Marral, que era o ponto de partida da expedição.

Estava então a expedição composta de 976 pessoas armadas com 347 Winekesters e Chassepots.

Do Marral ao Nyassa teve que abandonar parte do seu pessoal por falta de mantimentos.

Apesar, porem, d'este contratempo, Cardoso seguiu avante, mas outras difficuldades o aguardavam. O regulo Matapire recebeu-o mal, mas Cardoso com a sua prudencia e bom censo pratico, soube evitar a guerra com que este regulo o queria provocar, procedendo do mesmo modo com os Makololos, que encontrou nas peiores disposições, conseguiu emfim chegar ao Nyassa a 12 de dezembro onde estabeleceu a missão e se demorou algum tempo estudando aquelle paiz.

No Nyassa encontrou bom acolhimento e conseguio a vassalagem de quatorze regulos para o rei de Portugal.

Voltou depois a Quelimane doente, onde pediu para ser substituido, o que não lhe foi concedido, sendo encarregado pelo governo de organisar as expedições do tenente Valadim e tenente Lourenço e a do alferes Souza que acompanhou os missionarios enviados pelo cardeal Lavigerie.

Depois tornou ao Zambeze onde recebeu ordem para regressar a Lisboa.

E' isto, em resumo, o que Cardoso communicou n'uma breve conferencia que fez em 2 do corrente no Club Militar Naval.

A sua commissão de estabelecer uma missão no Nyassa, foi cumprida pacificamente e oxalá que os acontecimentos que se tem succedido em Africa não destruam a sua obra civilisadora e proveitosa para Portugal.

O major Joaquim Carlos Paiva de Andrada, é de ha muito conhecido pelas suas emprezas africanistas, em desenvolver a riqueza d'aquelle paiz, por meio de companhias exploradoras dos terrenos auriferos.

Tem luctado corajosamente pelo engrandecimento da Africa Oriental e ali tem feito repetidas viagens de exploração.

Todos se recordam da concessão Paiva de Andrada, de terrenos na Zambezia, e quanto a poli-

THEATRO DO GYMNASIO

REPRODUCÇAO DO QUADRO OFFERECIDO A GERVASIO LOBATO PELOS ARTISTAS DO THEATRO DO GYMNASIO,

COMPOSIÇÃO E AGUARELLA DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

tica se occupou d'esta concessão, estragando os bons resultados que d'ella poderiam advir.

Todos os esforços do illustre africanista se perderam perante o retrahimento dos capitaes portuguezes e as difficuldades que a politica lhes levantou.

Apesar de tantas contrariedades aos seus arrojados planos, os governos tem-n'o encontrado sempre prompto a prestar-lhe os seus serviços em Africa.

Em 1884 acceitou a direcção da arriscada expedição a Manica.

Depois voltou á Africa encarregado pelo governo de tratar da vassalagem do paiz de Gaza e annular o predominio dos Bongas. N'esta viagem foi tambem encarregado pela Companhia de Ophir, de resolver as difficuldades que se oppunham á exploração das minas.

Em 1888 partiu novamente para Africa em companhia de Cardozo, sendo encarregado pelo governo, da organisação da exploração mineira na região do Zambeze, viagem de que voltou agora.

QUADRO OFFERECIDO PELOS ARTISTAS DO THEATRO DO GYMNASIO A GERVASIO LOBATO

A estampa que occupa as paginas do centro d'este numero, é uma reproducção do quadro que os artistas do theatro do Gymnasio, interpretes da comedia *O Commissario de Policia*, offereceram ao auctor, sr. Gervasio Lobato, na noite da recita que lhe foi dedicada.

O quadro é uma graciosa aguarella de Bordallo Pinheiro, em que este artista desenhou todos os typos que entram no *Commissario de Policia* e o retrato de Gervasio Lobato.

E' uma obra d'arte de alto valor pela verdade com que estão desenhados aquelles typos, e pela graça e originalidade com que está composto o desenho, como todas as obras que Bordallo Pinheiro illumina com o seu prodigioso talento.

Da festa de que este quadro fez parte, encontram os leitores noticia em outro logar do OCCIDENTE.

LAMPARINA DA CASTANHA DA INDIA

Uma nova applicação acaba de ser dada á castanha da India, e que sem duvida é uma das mais uteis que ella pode ter, a de servir de lamparina, extremamente commoda e aceiada, sem cheiro nem perigo de se incendiar.

O modo de aproveitar a castanha para este fim é o seguinte.

Tomai uma castanha da India e fazei-lhe alguns furos com uma agulha de coser, depois mergulhai-a em azeite durante umas doze horas.

A castanha absorverá uma certa porção d'este oleo. Fazei então um furo na castanha, mas que a não atravesse, e mettei n'elle uma pequena mecha ou torcida de algodão.

Preparada assim a castanha nada mais é preciso que fazel-a boiar em um copo com agua, como a gravura representa, e acender a torcida. Tereis assim uma lamparina que durará acesa 12 horas ou mais.

EXPOSIÇÃO D'ARTE NO PORTO

Os promotores da exposição artistica que annualmente se realisa no salão do Atheneu Commercial do Porto, devem decerto dar-se os parabens pelo exito feliz do certamen d'este anno, no que diz respeito á venda de quadros, visto terem sido adquiridos uns quarenta, isto é, cerca de metade dos que se exhibiram.

Isto em uma terra em que, ainda ha poucos annos, apenas dois ou tres amadores se abalançavam á acquisição de alguma obra de arte, é sem duvida promettedor.

É verdade que por emquanto os compradores se intimidam perante os quadros que excedam o palmo e meio regulamentar e sobre tudo diante dos preços que vão muito além dos 50$000 ou 60$000 réis, mas como diz o ditado, «não se vae a Roma em um dia», e a questão toda é inveterar no publico o gosto pelas bellas artes, porque estabelecido elle, a questão de preço deixará de ser uma difficuldade para a venda.

Como consequencia natural do bom acolhimento que estas exposições tem tido, os nossos artistas vão tambem aperfeiçoando os seus processos de factura e conseguindo uma visão mais clara e mais justa da natureza.

Esses progressos fizeram-se notar incontestavelmente no certamen que acaba de encerrar-se. Os novos demonstram trabalhar com certo ardor e essa boa vontade vae-lhes coroando as aspirações.

Um dos mais bellos quadros, por exemplo, que appareceu na exposição d'este anno, foi o «Retrato da Ti'Anna», de Julio Costa.

No meio de um aposento lob-ego de aldeia, uma mulher velha, sentada, fia na sua roca.

Assumpto simplissimo, mas tratado com uma consciencia e uma arte excepcionaes, esse quadro é sem duvida o melhor trabalho que o intelligente pintor tem produzido até agora.

A figura expressiva e energica, destaca-se agradavelmente do fundo negro, em que se vêem espalhadas, aqui e alli, algumas alfaias agricolas.

A physionomia da mulher impressiona pela sua carnação vigorosa e as roupas estão tratadas com uma fina observação da realidade.

Pois apesar de todas estas excellentes qualidades, o quadro, que vae muito além do palmo e meio usual e que apenas custava 100$000 réis, ficou por vender.

Não tem explicação este facto.

Mas que o laborioso artista não desanime. A sua obra hade ser vendida e por preço superior áquelle em que foi agora taxado. A questão, quanto a mim, é de tempo e... de ares.

Menos feliz foi Julio Costa no retrato, em meio corpo, do medico Pimenta. A modelação da physionomia é dura e se bem que haja similhança, falta comtudo essa individualisação que só o bom desenho póde dar.

Marques de Oliveira apresentou apenas duas obras em pintura: um quadro de genero e uma paizagem.

O primeiro tem por titulo «Graças a Deus». Um velho pescador, sentado em um banco, profere a oração usual, depois do magro repasto que compartilhou com a filha, que se vê sentada no chão, junto d'elle, com as mãos erguidas.

Quadro cheio de poesia, ha comtudo no seu conjuncto, um não sei quê que faz com que não impressione demasiadamente bem ao primeiro relance. Será questão do fundo, extremamente branco e com o qual parece não se harmonisar o tom geral da figura sentada? Talvez.

E aliás essa figura está perfeitamente desenhada, bem caracterisado o typo do velho pescador e naturalissima a attitude.

Lindissima, porém, é a figura da rapariga. Magnifica expressão, belleza de contorno e uma solidez impeccavel n'esse personagem em que o sentimento rescende de todas as suas linhas.

Muito agradavel tambem o estudo de paizagem (Vizella). Bom ar e perfeita interpretação d'aquella formosa natureza campestre.

Silva Porto expoz cinco quadros. Para nós, o mais notavel, é o que se intitula «Saloias». Duas mulheres, cavalgando dois burros, seguem por uma estrada, sob as ardencias de um sol abrazador, do qual se abrigam debaixo de guarda-sóes.

Que formoso ar aquelle! Como se sente o sol dardejando sobre o pavimento poierento da estrada e filtrando-se atravez do panno encarnado e azul dos guarda-sóes, cujas manchas põem a mais interessante nota no conjuncto da scena! Depois, que movimento e que alegria de tons, n'aquella claridade ampla do ar livre!

Outro quadro igualmente bom é a «Conducção de Cabrestos». Tres campinos do Ribatejo, a cavallo, acompanham uma porção de vaccas.

Perfeitamente movimentado o grupo, sente-se o andar pesado e somnolento dos animaes, o choutar compassado dos cavallos, aquella caracterisação, emfim, justa e bem sentida de um traço de vida campezina.

As paizagens «Porto de Caldellas» e «Logar da Penha», mas especialmente a primeira, são de todo o ponto recommendaveis pela sua belleza. Aquella, em que se patenteia um pedaço do Tejo, além de muito pittoresca, é de uma execução magistral.

Souza Pinto enviou uma collecção de pequenos quadros, todos elles de paizagens, á excepção de uma cabeça de velho, pintada com esse vigor e energia peculiares ao eximio artista.

Na paizagem nota-se sempre a justeza de colorido e o primor da factura que se assignalam nas obras d'este pintor. Os campos de trigo maduro, por entre os quaes se abre um carreiro pelo qual ás vezes caminha um personagem, são um dos assumptos predilectos do artista e que elle trata com uma delicadeza e verdade palpitante.

Dos quadros que exhibiu, notaremas, por exemplo, como os melhores, «Nos campos», «Caminho em Fecamp, «Crepusculo» e «Caminho em Brolles».

O irmão de Souza Pinto, Alberto Carlos de Souza Pinto, segue-lhe as pisadas, especialmente na maneira de pintar. As duas cabeças de estudo, que expoz, são apreciaveis e revelam pela sua factura e desenho, não só sensiveis progressos no seu author, como os melhores indicios de uma auspiciosa vocação.

Antonio José da Costa dedicou-se d'esta vez ás flôres, apresentando uns dez quadros d'essa natureza e tres de paizagem.

Todos os quadros de flôres, em que se representam principalmente camelias e rosas, são pintadas com um vigor e um brilhantismo de côr que encantam, tendo o artista pôsto toda a sua competencia e toda a sua observação, na copia fiel d'essas adoraveis musas dos jardins.

O melhor quadro, porém, d'esse genero é o que se intitula «Gloximia». Soberbamente pintado, ha n'aquellas pequenas petalas uma suavidade de colorido e um avelludado tão sensivel, que o seu aspecto illude. Formoso pedaço de pintura, em fim

Marques Guimarães tambem apresentou alguns quadros de flôres, camelias e lilazes, executadas com a consciencia com que este artista costuma tratar esse genero.

Como mancha, é muito interessante o «Estudo» representando um copo com agua sobre um funda azul escuro.

(Continúa) *Manoel M. Rodrigues.*

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XXI

As duas senhoras mesmo estateladas no meio da rua central do Passeio Publico, ao reconhecerem o Dominguinhos no furacão que as atirára de cangalhas e que tambem fôra de ventas a terra, estenderam para elle mãos amigas, cheias de sympathia e vasias de rancor.

O Dominguinhos apertou jubiloso essas mãos, pedindo humildemente desculpa da catastrophe que causara.

—Ó minhas senhoras! Eu peço-lhes mil perdões... mas não reparei em vossas excellencias.

—Essa é boa, sr. Dominguinhos, disse graciosa a sr.ª mais velha.

—Não nos fez mal nenhum, confirmou a mais nova.

E apertando ainda mais a mão do Dominguinhos, acrescentou com muita ternura, em voz baixa, de modo que só elle ouvisse:

—Antes pelo contrario...

—Podem crêr, minhas senhoras, que eu não as vi e mesmo estava longe de esperar a felicidade, a dita, a ventura de as encontrar...

—Não esteja com mais coisas, Dominguinhos, está desculpado Ora essa! interrompeu amavel e maternal a velha.

—Mas eu ia cego pelo furor, a colera vendava-me os olhos, continuou o Dominguinhos sempre no chão.

—Ora espere! aquelle que ia a correr e que primeiro nos deitou ao chão...

—O que? aquelle tratante deitou V. Ex.ªs ao chão? perguntou o Dominguinhos.

—Sim senhor.

—Já tinham cahido?

—Já, é a segunda vez que fazemos esta viagem hoje, communicou alegremente a menina, mirando-se no Dominguinhos, tão embebida na sua vista que até se esquecia de que estava sentada na rua do meio do Passeio Publico, servindo de pasto aos olhos espantados dos brazileiros que ali discutiam sentados nos bancos ao pé dos lagos, casos da rua do Ouvidor, e das amas de leite que namoravam soldados da municipal, e que cheios de curiosidade uns e outros se tinham acercado fazendo roda em torno d'aquelle extravagante grupo, que cavaqueava sentado no meio do chão, como se estivesse nos mais fôfos *fauteuils* de uma sala.

—Que mariola aquelle! vociferou o Dominguinhos indignado, ao saber que o Quim derrubara a sua gentil amada e a respectiva mamã, pois as duas senhoras bis-estateladas no Passeio Publico do Rocio n'aquelle dia nefasto, eram, nem mais nem menos do que a sr. Leitão e sua esguia e comprida filha, a menina Ignacinha, já tão nossa conhecida.

—Era o Quim Barradas. não era? perguntou a sr.ª Leitão, podendo finalmente concluir a sua pergunta.

—O que, era elle? interrogou muito admirada a Ignacinha que o não conhecera.

—Era, era o sr. Quim, era aquelle biltre, aquelle tratante, aquelle miseravel! bradou o Dominguinhos, erguendo ameaçador e terrivel o punho cerrado para a banda da cascata do Passeio.

—Mas então o sr. vinha a correr atraz d'elle? inquiriu a sr.ª Leitão.

—Vinha...

—Para que? Tiveram alguma questão?

—Se tivemos alguma questão? pergunton o Dominguinhos muito desapontado por não saber a mãe da sua namorada as luctas homericas em que elle Domingos Pereira se mettera denodado para vingar as faces d'aquella que um dia devia ser sua sogra, do atrevido osculo irrespeitoso do mano da Emilinhas.

—Então a mamã não sabe? disse a Ignacinha que andava em dia com a heroica illiada do seu namorado.

—V. Ex.ª não leu os jornaes? perguntou o Dominguinhos. Tenho-os aqui, quer ver.

E muito expedito tirou da algibeira os numeros do *Jornal do Commercio* que traziam communicados referentes á sua pendencia d'honra e apresentou-os á sr.ª Leitão.

—Logo, logo, disse ella. É melhor primeiro pôrmo-nos em pé; está muita gente já a olhar para nós; estámos dando espectaculo.

—Tem razão, minha senhora, ponhamo-nos em pé.

E muito agil o Dominguinhos ergueu-se e estendeu as mãos ás duas damas.

A Ignacinha poz-se em pé tambem n'um momento, mas a mamã, a pezada sr.ª Leitão é que foi mais difficil.

Foi preciso a Ignacinha unir as suas forças ás do Dominguinhos e ainda assim, mesmo em collaboração, estiveram um bom bocado a puchar, a puchar sem que ella desse de si.

Por fim quando já desanimados estavam quasi dispostos a reclamar o auxilio d'alguns dos mirones mais robustos, os dois fizeram um esforço supremo, e a sr.ª Leitão lá veio para cima com grande gaudio dos espectadores que saudaram o caso com risadinhas mais ou menos encapotadas.

O Dominguinhos que se sentia em maré de valentias esteve ainda para se zangar com algumas d'essas risadas e para tomar desforço condigno dos trocistas mais descarados, e limpando se da poeira relanceou olhares irados para a roda que os cercava.

A sr.ª Leitão e a menina Ignacinha porém não consentiram: metteram-se entre elle e os sugeitos das risadas como a Senhora da Paz e tiraram da cabeça do filho do sr. Pereira a idéa da desafronta.

Elle insistio um bocadinho, o bastante para não parecer mal ceder, mas no fim cedeu, fingindo-se muito contrariado e fazendo vêr bem á Ignacinha o sacrificio enorme que fazia da sua coragem, não redusindo n'um abrir e fechar d'olhos a pó, aquella gente toda que se ria de os ver tão empoeirados.

—Deixe-se d'isso, então, Dominguinhos, tenha juizo! reprehendeu docemente a sr.ª Leitão.

—Então... peço-lhe eu, supplicou-lhe irresistivel a Ignacinha.

O Dominguinhos então cedeu.

—Pois bem, seja, deixarei impunes essas risadas intempestivas, communicou elle. Vão para casa?

—Vamos.

—Acompanho-as até á porta do Passeio se me dão licença.

—Com todo o gosto, disse a sr.ª Leitão.

—O melhor era acompanhar-nos até casa...

—E' quasi a mesma coisa, da porta do Passeio a nossa casa, ponderou a mamã.

—Com todo o gosto, a minha pena é morarem V. Ex.as tão perto.

—Crédo! eu estou tão cançada se a casa fosse mais longe como havia eu d'ir lá parar, tornou rindo a sr.ª Leitão.

—Ia ao meu collo, com muito prazer, respondeu muito amavel o Dominguinhos, acompanhando estas palavras d'um doce e significativo olhar a Ignacinha, como quem queria dizer que aquelle offerecimento era para ella e não para a mãe, e que é por causa dos santos que se beijam os altares.

*
* *

Quando chegaram á porta do Passeio, encontraram uma multidão enorme em frente da casa da guarda para ver o Quim preso e commentando com varias versões a prisão d'aquelle janota.

O Quim estava lá dentro, como uma bicha, respondendo fulo ao interrogatorio estupido e malcreado, que lhe fazia o cabo da guarda, com a insistencia impertinente com que interrogaria o mais perigoso dos gatunos.

Queria por força, o demonio do municipal, que o Quim lhe contasse toda a historia da sua vida, e que lhe puzesse para ali com todas as minuciosidades o motivo porque vinha assim a correr a toda a brida, n'aquella carreira desenfreada, vertiginosa, *ciclonica*, por assim dizer.

O Quim com vontade ou sem ella, sem ella evidentemente, contou-lhe a verdade toda a respeito de tudo, já se vê pintando as coisas a seu modo, e não escolhendo para si o mau papel, o papel ridiculo que decerto lhe pertencia.

Mas essa *escolha* obrigava-o a ter hesitações, contradições, e de momento a momento era interrompido pelo cabo da guarda, pelo seu interrogador, que lhe dizia muito boçal, muito atrevido.

—Olá amigo, tire o cavallo da chuva: para cá vem de carrinho. Diga a verdade, a verdade toda senão o peior é para você.

—O senhor, mas a verdade é isto que lhe estou dizendo.

—Não se faça tolo. Então imagina que eu nasci hontem?

—Mas, balbuciava o Quim muito contrariado e muito aborrecido, sem saber já o que havia de dizer.

—Não ha mas, nem meio mas... se não diz a verdade ainda lhe sae mais caro. Porque fugia você?

—Porque tive uma questão com um adversario.

—Qual adversario nem qual cantiga... diga já a verdade.

E o Quim debatia-se nas torturas d'este interrogatorio quando o Dominguinhos acompanhando a sr.ª Leitão e a menina Ignacinha chegava á porta do Passeio.

—O que vem a ser isto? perguntou a Ignacinha admirada. Tanta gente aqui!

—E' alguma prisão, disse a mãe.

—Ha de ser isso, confirmou o Dominguinhos.

E ao passar deitou por curiosidade um olhar para a casa da guarda.

Não vio ninguem, mas viu em cima d'uma meza um chapeu que era muito seu conhecido, ou antes muito conhecido das suas *taboas de logarithmos*.

—Já sei o que é, disse elle.

—O que é?

—E' o Quim que está preso.

—O Quim? perguntaram ao mesmo tempo muito admiradas as duas senhoras.

—E' com certeza.

—Mas como soube o sr. isso?

—Porque aquelle chapeu é o d'elle.

—Estará preso por sua causa? perguntou a Ignacinha.

—Não sei, pode ser. Tem pena d'elle? interrogou o Dominguinhos um pouco enxofrado côm a pergunta.

—D'elle não, da pobre irmã, explicou logo a Ignacinha.

—Se quer vou ver se o solto, offereceu-se entre serviçal e ironico o Dominguinhos.

—Ora adeus! deixe-se d'isso! A irmã é tão boa como elle, commentou com amarga philosophia a sr.ª Leitão.

(Continúa) *Gervasio Lobato*

OS MEUS LIVROS

IV

(Continuado do n.º 408)

Zuleicka é o pseudonymo que usa nas *Novidades* a sr.ª D. Mencia Mousinho de Albuquerque como auctora de muitos contos ali publicados. Esta senhora enviou-nos um livrinho sob o titulo *O escravelho de ouro*, que encerra a traducção de alguns contos de Edgar Poë.

De Edgar Poë conhecemos traducções dos nossos amigos Lopes de Mendonça e Francisco de Almeida, e podemos confessar que é esmeradissima a traducção de D. Mencia Mousinho de Albuquerque.

Sob o pseudonymo de *Zuleicka* publicou esta senhora nas *Novidades* os seguintes contos: *Episodio, Maria Bordadeira, O numero treze, Pepita, Saltimbanco, A Fornarina, As aventuras de Roduguna, A reparação, Branca, O casamento de Martha, Um crime tenebroso, Mára.*

De todo o trabalho litterario d'esta senhora, destacamos os contos *Maria Bordadeira* e *Mára.* Porque, se n'um vemos o talento da comprehensão dos factos e dos sentimentos, no ultimo vemos um estudo psicologico orientado nos processos mais modernos da sciencia litteraria.

A' illustre escriptora, porque lemos com attenção todo o seu trabalho, felicitamol-a pelo seu talento, agradecendo a amabilidade da remessa das suas producções, e lamentando que a falta de espaço nos não permitta uma larga critica.

*
* *

Já aqui publicámos um bello artigo do nosso illustrado amigo Reis Damaso, sobre o notavel tribuno hespanhol Raphael Labra, por isso, sobre o estudo biographico de D. Antonio Sendras y Burin, intitulado *Don Rafael Maria de Labra*, pouco poderemos dizer.

A publicação de D. Antonio Sendras e Burin é precedida de uma magnifica gravura do notavel artista C. Uribani e occupa vinte e oito paginas (follio 4.º).

E', a par de um merecido elogio, este estudo biographico, um admiravel repositorio da historia colonial contemporanea de Hespanha e que honra a penna que o traçou.

*
* *

Cravos e Malmequeres é o titulo de um livro de versos com um conto em prosa de João José Jára.

Eu tenho uma sincera admiração pelo talento d'este rapaz!

Tudo que elle produz é exclusivamente seu, não imita ninguem. Qualidade bem rara, hoje que todos andam atraz uns dos outros.

Já aqui fallámos de *Elisa Monternão* um livro que fez epocha, dando logar a que toda a imprensa se referisse a elle, e houve até um periodico que rompeu no excesso de publicar o retrato e a biographia de João Jara, seduzido pelo seu brilhante talento, e talvez pelo bello typo peninsular do auctor dos *Cravos e Malmequeres.*

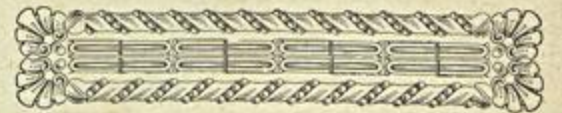
Nos versos ha producções verdadeiramente encantadoras pela delicadeza e por uma graça muito portugueza, que não deve nada em fidalguia ao espirito francez. Ha versos dedicados aos seus amigos como a Bulhão Pato, Alberto Pimentel, Guilherme Ferreira, dr. Ferraz de Macedo, Alfredo Ribeiro, Vicente Ferreira Bravo, etc.

Até o simples nome que assigna estas linhas foi contemplado pelo auctor com uma encantadora poesia... E isto infelizmente inhibe-me de dizer mais uma palavra sobre os *Cravos e Malmequeres.*

Apenas uma phrase mais das consagradas a todas as publicações: — Está á venda em todas as livrarias e custa apenas 200 réis.

*
* *

No proximo artigo fallaremos de um dos nossos maiores poetas, senão o mais audaz e de maior talento, referimo-nos como já se previa á monumental *Troça á Inglaterra* por Gomes Leal.

(Continúa) *Manoel Barradas.*

NOVIDADES DA SCIENCIA

DIAPASÃO EM VIBRAÇÃO.—Sabe-se que o mais pequeno peso actuando sobre um dos ramos de um *diapasão* basta para lhe alterar o timbre e a altura. As peças de contacto metalicas dispostas sobre o *diapasão* alimentado electricamente apresentam um inconveniente que Mr. Appleyard, faz desapparecer ficando o diapasão inteiramente livre.

Para esse fim dispõe-se sobre a caixa do *resoador*, sobre a qual o diapasão está montado, um pequeno microphono que vibra synchronicamente com elle e faz variar tambem synchronicamente a corrente que atravessa o electro-iman.

Este microphone é constituido por dois blocos de carvão, de secção triangular, solidamente fixados sobre o ressoador, e de um terceiro de secção quadrada assentando sobre dois outros, mas perfeitamente equilibrado de maneira a não exercer senão uma ligeira pressão sobre um d'esses pontos de apoio.

O mesmo microphone póde servir para sustentar as vibrações de diapasões de diversas alturas.

O *diapasão* normal, sobre o qual se afinam todos os instrumentos, dá 870 vibrações por segundo.

A PHOTOGRAPHIA Á LUZ DO MAGNESIUM.—É conhecida ha cerca de trinta annos mas acha-se reservada para raras experiencias. Ultimamente tem-se feito muito uso d'ella, graças á descoberta da *luz-relampago* do magnesium que resolveu o problema da photographia instantanea á luz artificial.

A photographia nocturna não constitue sómente

um passatempo interessante para os amadores, mas presta-se tambem a immensas applicações scientificas.

VASOS DE PAPEL COMPRIMIDO PARA FLORES.—O papel comprimido encontra de dia para dia novas applicações. Emprega-se na construcção dos *railles*, das rodas dos wagons, para fabricar toneis, cascos de embarcações, etc.

Agora um inventor M. Poumored, imaginou fazer com aquella materia vasos para flores. Effectivamente estes vasos são mais leves que os de barro e não são susceptiveis de se quebrarem. A compressão levada a um grau conveniente dá ao papel comprimido a dureza do ferro.

Estes vasos são além d'isso, impermeaveis e hydrofugos e por conseguinte imputreciveis. D'elles se podem fazer vasos de luxo para adornos de salas, revestidos d'uma camada de esmalte e de desenhos artisticos coloridos ou em alto relevo.

As industrias marcham!

MEIO DE IMPEDIR QUE O AZEITE CRIE RANÇO. —É um processo muito simples e muito barato. Vem a sua indicação no *Cosmos*.

Sabe-se que não só o azeite, mas todos os oleos criam depressa ranço perdendo assim metade da sua boa qualidade e de preço.

Convem pois, quem quizer conservar bom azeite, engarrafal-o em garrafas bem seccas e depois de as ter cheias até ao gargalo deitar em cada uma d'ellas cerca de cinco centimetros de boa aguardente de maneira que a garrafa fique inteiramente cheia. Em seguida rolha-se esta com cuidado e cobre-se a rolha com um bocado de bexiga ou pergaminho.

A agua-ardente sendo mais leve que o oleo impede o ar exterior de entrar e oxygenal-o, isto é, de o fazer rançoso. O oleo ou azeite conserva-se assim muito tempo.

As bilhas de barro (grés) são preferiveis ás garrafas para guardar azeite.

As garrafas de vidro muito escuro são melhores do que as de vidro claro, pela razão que a luz do dia tem uma influencia nociva sobre os productos a conservar, devendo assim evitar-se que ella presse atravez o vidro. O vidro azul ferrete é o melhor para conservar os liquidos.

As bilhas ou garrafas deverão ser collocadas de pé, dentro d'uma adega fresca, secca e escura.

S. P.

REVISTA POLITICA

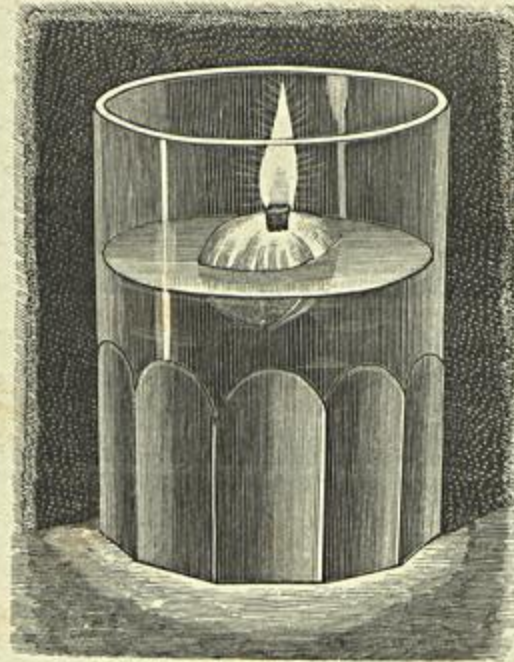
Acha-se emfim constituida a camara dos deputados e, portanto, encetados os trabalhos legislativos que, d'esta vez principiaram pela apresentação do orçamento, o que não quer dizer que elle se discuta já, porque provavelmente seguirá a marcha dos seus antecedentes, discutindo-se ao fechar das portas, quando o calor do verão offerece o braço aos srs. deputados e aos srs. ministros para as vegiliaturas campesinas.

Na verdade quando o barometro sobe e o suor desce pelas faces placidas dos legisladores, é impossivel augmentar o calor das discussões sobre se deve ou não matar-se o deficit e equilibrar-se a despeza com a receita: Bagatelas, ninherias, que nada valem, nem mesmo uma baga de suor, apezar de se tratar do suor do povo.

Pois d'esta vez o tal deficit apresenta-se logo á entrada da porta com uma franqueza e desassombro desusado, pelo que não queremos mal nenhum ao sr. ministro da fazenda, porque lá diz o dictado, «mais vale um desengano a tempo do que andar toda e vida enganado.»

Effectivamente isto do deficit tem sido «um engano d'alma ledo e cego» mas que por infelicidade tem durado muito, exactamente o contrario d'aquelle engano do poeta que durava pouco.

O deficit do orçamento ordinario apresentado pelo sr. ministro da fazenda é de 3.407:029$003 réis para matar o qual, o mesmo sr. ministro declarou que apresentaria as propostas de lei necessarias, dizendo no seu relatorio: «Para que este excesso de encargos, no orçamento ordinario do futuro exercicio, seja completamente coberto com recursos tambem ordinarios do thesouro, apresentar-vos-hei, dentro em pouco, as propostas de lei que, a meu vêr, bastam para chegarmos a esse resultado».

Ora isto, que á primeira vista, poderá parecer simplissimo, não nos parece que na pratica o seja, porque sem ser preciso recuar-mos muito, nós

LAMPARINA DE CASTANHA DA INDIA

vêmos que ha vinte annos as receitas ordinarias do thezouro orçavam por vinte mil contos e então nós lamentavamos que essas receitas não fossem maiores para matar o deficit, que já então asoberbava o Estado, e hoje que as receitas duplicaram, continúa o maldito deficit a preseguir o thezouro, zombando de todos os esforços para dar cabo d'elle.

Isto só prova uma coisa, é que á medida que as receitas tem augmentado, tem augmentado tambem as despezas, e seguindo estes processos de administração publica, é certo que nunca o orçamento se equilibrará por mais impostos que se augmentem.

Bem sabemos que a boa economia se oppõe em certos casos a este argumento, partindo do principio, para lucrar é preciso dispender, mas é preciso que se dispenda para lucrar, e a prova que não se tem dispendido para lucrar é que ao cabo de tantos annos a receita nem sequer se equilibra com a despeza.

De bom grado o paiz faria todos os sacrificios para vêr a sua administração equilibrada e desafogada. Tem feito muitos, dificilmente póde fazer mais, e se não chegar uma occasião em que se faça ponto nas despezas, limitando-as ás receitas que houver e só augmentar aquellas quando augmentarem estas, não desejariamos assistir aos ultimos momentos de tal administração.

Parece-nos que é tempo de regular as despezas pelas receitas e não regular estas por aquellas, e se o novo ministro da fazenda conseguisse isto, poderia estar certo que seria o portuguez mais benemerito que este paiz da larangeira tem produzido nos tempos modernos.

E áquelles que taxarem de velhas estas theorias diremos que mais velho do que ellas é o Sol e nem por isso deixou ainda de ser fecundo.

Com a apresentação do orçamento ás camaras, appareceram tambem as perguntas da opposição ao governo sobre o estado da questão ingleza.

Essas perguntas foram principalmente feitas pelo sr. Emygdio Navarro. muito correctamente, visando sobre tudo a saber se o governo inglez acceitou qualquer negociação sobre a base da revogação do *ultimatum*, ou o considerou como facto consummado?

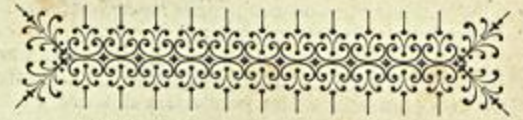
A resposta do sr. ministro dos estrangeiros foi correcta e franca, impressionando bem e camara.

O sr. Hintze Ribeiro declarou que a Inglaterra acceitou as negociações sobre o *ultimatum* e que estando essas negociações pendentes, seria prejudicial agora qualquer discussão sobre este ponto nas camaras.

«Tomo sobre mim, disse o sr. Hintze Ribeiro, inteira e completa responsabilidade da minha declaração, para o facto de não se discutir desde já, e deixo á camara inteira a completa responsabilidade de qualquer discussão que a camara entender levantar.»

«Ha, porem, um compromisso que eu tomo desde já para com a camara, que é o seguinte: a razão porque eu declaro isto é porque tenho fundadas esperanças de que dentro em breve nós chegaremos a um resultado honroso e satisfatorio. O compromisso é que se essa esperança se mallogra eu virei immediatamente dar conta á camara dos meus actos e trazer todos os documentos para que a camara os possa apreciar.»

Eis o que se passou no sanctuario das leis n'esta ultima dezena, e agora aguardamos a resposta ao discurso da corôa, que se annuncia para breve.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

RECITA EM HONRA DE VICTOR CORDON NO THEATRO DA ALEGRIA.—A empreza do theatro da Alegria offereceu, em a noite de 27 do mez findo uma recita ao benemerito africanista Victor Cordon, tendo tambem offerecido uma outra recita a Serpa Pinto, em que lhe foi entregue uma espada de honra comprada com o producto d'um espectaculo n'aquelle theatro.

Foram duas noites de festas extremamente sympathicas pelo sentimento patriotico que as inspirou e que muito honra a empreza do theatro que as realisou.

Agradecemos o convite que tivemos para a recita em honra de Victor Cordon, no elegante theatrinho popular.

D. MANOEL DE SOUZA COUTINHO. — Falleceu no dia 28 do mez findo, no palacio dos srs duques de Palmella na rua da Escola Polytechnica, o sr. D. Manoel de Souza Coutinho, general de brigada reformado.

D. Manoel de Souza Coutinho descendia d'uma das mais illustres familias portuguezas e francezas. Filho do marquez de Santa Iria, sua mãe pertencia a uma das familias mais nobres da França. O marquez de Santa Iria foi mordomo-mór de D. Maria II, quando a joven princeza expatriada, se refugiou em Londres O nobre fidalgo sacrificou-se á causa liberal e com elle seus filhos o conde de Alva que morreu nos campos de batalha e D. Manoel que falleceu agora, tendo combatido pela liberdade, desde a ilha Terceira até ao fim das campanhas.

D. Manoel não foi só um militar valente, foi um homem espirituoso, conversador illustrado e um dos mais assiduos frequentadores de S Carlos, tendo a maior paixão pela musica, e sendo um grande admirador dos artistas cujo trato estimava.

O sr. D. Manoel de Souza Coutinho era irmão das srs.as condessas de Souza Coutinho e de Murça, que foram camareiras da rainha D. Maria II e tio dos srs. duques de Palmella.

Os nossos pezames a sua illustre familia.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Protesto da Associação de Logistas de Lisboa, *dirigido ao commercio portuguez contra o insolito ultimatum que o governo de Inglaterra enviou ao de Portugal, em 11 de janeiro de 1890.*

O Patriota, *numero unico a beneficio da subscripção nacional.* Funchal 14 de fevereiro de 1890. Esta publicação principia por uma *Homenagem a Serpa Pinto.* Varios artigos adquados completam as suas quatro paginas impressas a tinta azul.

Contos ao luar por Julio Cesar Machado. Collecção Antonio Maria Pereira, editor. Lisboa. É uma 4.ª edição a que acaba de ser publicada d'este delecioso livro, em que o infeliz Julio Cesar Machado principiou a affirmar o seu talento.

Dosimetria, *revista mensal de medicina dosimetrica baseada na phisiologia e experimentação clinica segundo o methodo do dr. Burggraeve*, etc. Director proprietario, José Bernardo Birra, etc. Porto.

Typ. e lyth. de Adolpho, Modesto & C.ª
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43